

## O ESPAÇO DA AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA GAÚCHA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO

LILIAN BECKER OLIVEIRA<sup>1</sup>;

JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – lilianbecker@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou mergulhar em águas pouco conhecidas: o espaço das autoras gaúchas contemporâneas no mercado editorial. Após observar uma prevalência de escritoras sul-rio-grandenses publicadas em editoras localizadas no eixo Rio-São Paulo, foi questionado o que as motivou buscarem em outro estado um lugar para que suas escritas pudessem ter visibilidade. Partindo desse incômodo, foi possível escolher as obras para compor esse corpus, a saber: *E se alguém o pano* (2015), de Eliane Marques; *Opisianie Swiata* (2018), de Veronica Stigger; e, por último, *Controle* (2019), de Natalia Borges Polesso. A primeira obra foi publicada pela editora independente Escola de Poesia (Porto Alegre – RS), já a segunda foi publicada pela editora Sesi-SP (São Paulo – SP) e a última pela editora Companhia das Letras (São Paulo – SP). Dessa forma, notou-se a necessidade de analisar os romances escolhidos para integrar o corpus desta pesquisa com o intuito de promover reflexões acerca dos temas presentes nos romances contemporâneos. Além disso, houve a preocupação em realizar o levantamento das escritoras gaúchas no mercado editorial nacional articulando-se com as discussões levantadas por meio das obras escolhidas.

No processo da construção de uma identidade nacional literária, apenas a figura masculina teve destaque. Schmidt (2019) comprehende que a invisibilidade da autoria feminina no processo de criação de uma literatura enquanto uma legitimadora da cultura brasileira está ligada à constituição da imagem do sujeito abstrato, o qual está associado ao homem. Por conseguinte, as mulheres foram deixadas de lado, tendo o direito de participar do processo literário negado. A respeito, Dalcastagnè (2007) comenta que a predominância masculina no mercado editorial dificulta o espaço de publicação para qualquer um que fuja desse padrão. Esse espaço quando se observa os percursos das escritoras gaúchas foi permeado pela cultura conservadora e machista presente no Rio Grande do Sul. Nesse aspecto, Bittencourt (2004) sustenta que os escritos da região reproduziram os valores de uma sociedade patriarcal na qual a força física, a bravura e o ímpeto guerreiro estavam presentes. Portanto, evidencia-se a importância de direcionar o olhar para os romances da literatura contemporânea de autoria feminina gaúcha, para além do resgate do passado, estudar e compreender as obras produzidas nos últimos anos visa a abertura de novos diálogos e reflexões. Ademais, tal pesquisa só foi possível devido ao apoio da bolsa PBIP-AF/UFPEL, bem como as análises realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa ÍCARO UFPEL.

## 2. METODOLOGIA

Inicialmente, foi realizado uma busca em sites de referência acadêmica tais como SciELO, catálogo de Teses & Dissertações – CAPES, entre outros, com o intuito de coletar informações acerca da autoria feminina brasileira. Logo após, a pesquisa foi mais refinada ao acrescentar “gaúcha” e “contemporânea” nas palavras chaves investigadas anteriormente. A partir desse primeiro passo, foi possível avançar para a pesquisa de obras literárias produzidas por mulheres nascidas no estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, foi necessário observar atentamente os prêmios literários – Prêmio Machado de Assis, Prêmio Açorianos etc. – com o fito de escolher as escritoras premiadas na última década (2011-2020). Dessa forma, notou-se que há uma prevalência de publicações em editoras no eixo Rio-São Paulo levantando a problematização deste estudo. Assim, foi possível adotar a abordagem bibliográfica, definida por Severino (2017) como uma técnica necessária para elaborar uma bibliografia referente ao tema da pesquisa. Vale destacar que também foi realizado uma investigação acerca do mercado editorial nacional, o que demonstrou ter um número muito escasso de trabalhos a respeito.

Posteriormente, optou-se pela análise literária das obras escolhidas objetivando a compreensão das estruturas narrativas, bem como a construção das vozes femininas no texto de cada uma. Nesse sentido, é possível compreender como está estruturada a narrativa contemporânea de autoria feminina de modo a complementar a problematização, visto que em construções literárias que fogem do padrão proposto pela cultura machista e conservadora presente nas editoras gaúchas, tornaria mais laborioso as publicações de mulheres. Até o presente momento, o estudo ainda necessita de mais informações a respeito do mercado editorial para que seja possível chegar a respostas mais concretas.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras selecionadas possuem focos narrativos diferentes: enquanto Eliane Marques propõe poesias que refletem a mulher negra e sua posição no mundo, Veronica Stigger apresenta uma pastiche do Modernismo brasileiro por meio de uma intertextualidade com o artista polonês Opalka. Por último, Natalia Polessa propõe uma narrativa LGBTQIA+ explorando o mundo de uma jovem adulta convivendo com epilepsia. A variedade narrativa propositalmente escolhida para o estudo demonstra uma modificação na estrutura da narrativa brasileira contemporânea. Estas ocorrem, segundo Ginzburg (2012), em razão da presença de uma descentralização dos narradores na escrita literária, ao ter como centro uma sociedade constituída pela violência, autoritarismo, assim como difusão de ideologias pautadas no machismo, racismo, heteronormatividade e desigualdade de classes sociais. Portanto, ainda de acordo com o autor, toda narrativa que vá de encontro com essas ideias é entendida como descentralizada. Em *Controle* (2019) e *E se alguém o pano* (2015) há histórias contadas a partir de outros olhares fora do padrão excluente. Por outro lado, *Opsianie Swiata* (2018) recorre ao narrador-personagem, com pouco espaço para personagens femininas. Na pesquisa realizada por Regina Dalcastagnè intitulada *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, a pesquisadora revela que “em obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores.” (2007,

p.129). Esse índice demonstra, ainda segundo a autora, uma provável familiaridade com a perspectiva social predominada por personagens masculinas, tendo em vista sua predominância na literatura.

Masutti (2015) elucida que as mulheres foram marginalizadas e silenciadas ao longo da História da literatura. A respeito, Minozzo e Zinani (2015) comentam que a figura feminina foi construída pela literatura a partir da visão masculina fornecendo uma ideia distorcida e negativa da mulher. Assim, ainda de acordo com os autores, a autoria feminina escrita a partir de uma visão consciente e progressista propõe novas perspectivas sociais. No entanto, Alós e Luquini (2018) ressaltam que o mercado editorial é um lugar hostil para mulheres negras em posição de autoras, salvo algumas exceções, seus livros não são vistos com valor estético. Conforme De Quadros (2020), o cânone literário gaúcho manteve a tradição e o foco na figura masculina branca e heteronormativa. Mulheres e homens negros sofrem dificuldades para serem legitimados enquanto escritores, dessa forma, a pesquisadora atenta para a necessidade de enegrecer a escrita gaúcha. Portanto, os resultados apontam para uma presença cristalizada nas editoras sul-rio-grandenses, o que dificulta as publicações de livros que fujam do padrão estabelecido.

#### 4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, pode-se dizer que o estudo realizado até o momento mostra aspectos relevantes para as atuais discussões sobre autoria feminina e crítica feminista brasileira, bem como acerca do mercado editorial. Pois, conforme afirma Reimão (2018), há poucos trabalhos sobre a produção editorial brasileira na atualidade. Nesse sentido, a presente pesquisa visou colaborar para reflexões, assim como provocar novas perguntas e investigações sobre o sujeito abordado. Questões como uma cultura conservadora ancorada no machismo, uma literatura predominada pela figura masculina e vozes subalternas lutando por seus espaços no campo editorial, demonstram a necessidade de não apenas estudarmos e valorizarmos as escritoras do passado, como também as contemporâneas para que não seja necessário repetir o mesmo processo de rememoração em um futuro próximo.

Pesquisar as editoras possibilita o esclarecimento por trás do que está sendo analisado pela crítica literária, a influência da sociedade na forma como a mulher ainda é vista em vários ramos não pode ser desvinculada do processo criativo literário e sua representação estética da realidade. Nesse sentido, Minozzo e Zinani (2015) sublinham que a literatura pode ser concebida enquanto uma arte histórica visto que são criadas por seres humanos e estes pertencem à história. Daí o motivo das obras literárias serem carregadas de anseios, críticas e necessidades de mudanças vinculadas ao seu contexto sócio-histórico em que são produzidas. Consonante à Minozzo e Zinani (2015), Masutti (2015) concebe a literatura enquanto uma manifestação cultural portadora de uma linguagem subjetiva que fornece abrigo à interpretação de mundo aos seres humanos. Candido (1995) acrescenta o papel humanizador que a literatura possui à medida em que os leitores possuem contato com novas e diversificadas perspectivas. Por esse motivo se faz tão significativo a presença de novas e diferentes perspectivas sociais na produção literária contemporânea, sobretudo a de autoria feminina. Assim sendo, o presente estudo não possui conclusões fechadas, mas sim novos questionamentos que poderão guiar novas pesquisas no campo de estudos tanto de autoria feminina, como de mercado editorial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. L. R. de. A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em *O Estímulo*. In: ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. R. P. dos. (Orgs.). **A mulher na História da Literatura**. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2015. p. 13-42.
- BITTENCOURT, G. A escritura feminina no conto sul-rio-grandense. **Organon**, v. 18, n. 37, p. 1-7. 2004.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul. 1995, p. 169-191.
- DALCASTAGNÈ, R. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, [S.I.], v. 15, p. 127-135. 2007. ISSN 2358-9787.
- DE QUADROS, D. M. Há escritoras negras gaúchas? Escrevivência e ancestralidade na obra poética de Maria do Carmo dos Santos (1954-). **REVELL**, v.1, n. 24. p. 15-39. 2020.
- GINZBURG, J. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas Quaderni di litterature iberiche e iberoamericane**, n.2, p. 199-221. 2012. ISSN: 2240-5437.
- LUQUINI, J. P.; ALÓS, A. P. A voz da mulher em Terra Negra: feminismo negro e mercado editorial na poesia de Cristiane Sobral. **Revista Crioula**, n. 22, p. 221-242, 2018.
- MARQUES, E. **E se alguém o pano**. 1.ed. Porto Alegre: Escola de Poesia. 2015.
- MASUTTI, F. A. A colonização italiana através da literatura infantil, em *Champolina*, de Denize Maria Leal. In: ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. R. P. dos. (Orgs.). **A mulher na História da Literatura**. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2015. p.131-143.
- MINOZZO, I. L.; ZINANI, C. J. A. Uma contribuição à História da Literatura a partir da questão de gênero na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. R. P. dos. (Orgs.). **A mulher na História da Literatura**. 2.ed. EDUCS: Caxias do Sul. 2015. p. 145-175.
- POLESSO, N. B. **Controle**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- REIMÃO, S. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: ECA-USP. 2018.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 1.ed. São Paulo: Cortez Editora. 2017.
- SCHMIDT, R. T. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. In: DE HOLLANDA, H. B. (Org). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 71-88.
- STIGGER, V. **Opisianie Swiata**. 1. ed. São Paulo: Sesi- SP editora. 2018.